

*Diane de Poitiers,
de Clouet. Detalhe*



COLEÇÃO DE SAMUEL H. KRESS

MINHAS OITO LINDAS AMANTES

*Um grande “connoisseur”
rende homenagem a algumas damas encantadoras
que têm adornado o seu harém*

JOHN WALKER

*Diretor da Galeria Nacional de Arte Moderna
de Washington*



42

*Ginevra de' Benci, de Leonardo
da Vinci. Detalhe*

AS HORAS de cinco às sete há muito são consagradas a casos de amor, e é isso que se dá comigo: à tardinha, quando o público já saiu da galeria, é a hora dos meus encontros. Meus amôres, apresso-me a acrescentar, são puramente pictóricos. “Poligamia bidimensional”, chama-lhe minha mulher, sem rancor. Ah... mas se eu viesse a encontrar uma dama tridimensional que se parecesse com um dos meus amôres bidimensionais...

Tive um longo flêrte com **Diana de Poitiers**, uma das mulheres mais notáveis da história francesa, pintada por François Clouet (c. 1510-1572). Diana casou-se aos 15 anos e seu encanto para os homens durou tôda a vida. Já em idade avançada

ADAPTADO DE UM DISCURSO DO AUTOR

Madame Henriot, de Renoir





Helena Fourment, de Rubens

tornou-se amante de Henrique II, 20 anos mais m^oço do que ela. Afirma-se que foi também amante do pai d^ele, Francisco I. Levantava-se às seis horas t^odas as manh^ãs e cavalgava durante duas ou tr^ês horas. Jamais usava cosméticos. Entretanto, de ac^ordo com o embaixador de



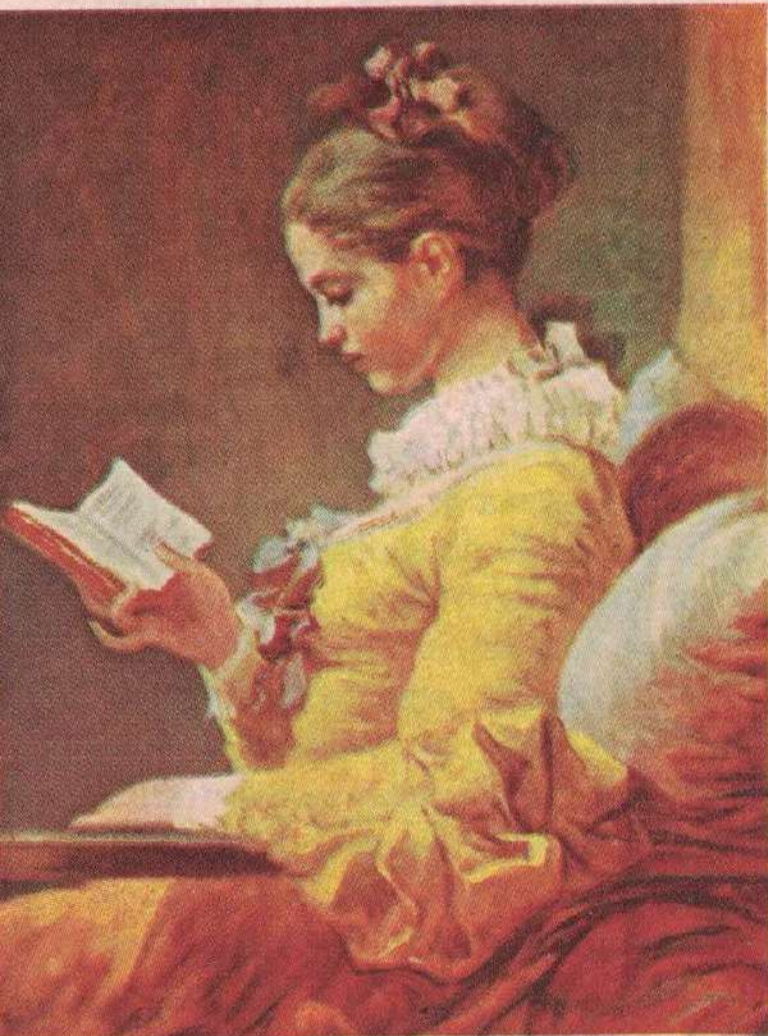
"Vênus Consolando o Amor", de Boucher

Veneza, parecia ser pelo menos 15 ou 20 anos mais m^oça do que era.

Ginevra de' Benci, pintada por Leonardo da Vinci (1452-1519), revela a beleza louvada pelos poetas do Renascimento. Seus cabelos têm reflexos dourados e os olhos são castanho-escuros. O pescoço é branco como a neve e os lábios são como flôres se abrindo na primavera. Mas

o rosto parece refletir melancolia e desilusão.

Se você tem um fraco por atrizes, creio que não encontrará ninguém mais bonito do que **Madame Henriot**, estrêla principal do Theatre de l'Odeon de Paris. Auguste Renoir (1841-1919) pintou-a várias vezes e



"Jovem Lendo", de Fragonard

quem pode condená-lo? Seus olhos negros brilhantes me deixam fascinado. O modelo é cativante, mas assim é também o brilhante tratamento do pintor. A tinta é aplicada de maneira tão leve que a imagem parece soprada no quadro.

É sua segunda mulher que Peter Paul Rubens (1577-1640) pinta em seu retrato de **Helena Fourment**.

Quando sua primeira mulher morreu, Rubens lamentou-se com um amigo: "Só espero que Olvido, Filha do Tempo, que cura tôdas as penas, me liberte da dor." O desejo de Rubens foi satisfeito, pois quatro anos mais tarde a Filha do Tempo apareceu na pessoa da rechonchuda e



Sabasa García, de Goya

loura Helena. Ela foi o único dos meus amôres que me abandonou. Helena Fourment pertencia à Coleção Gulbenkian, e, quando êste filantropo e colecionador de arte morreu, ela me partiu o coração indo embora, de acôrdo com as condições do testamento dêle, para a Fundação Gulbenkian em Lisboa, Portugal.

Sempre tive paixão por Madame

Pompadour, cuja beleza se acredita em geral ter inspirado "**Vênus Consolando o Amor**", de François Boucher (1703-1770). Durante algum tempo a Pompadour foi dona desta criação de seu artista favorito, cujo forte era pintar nus voluptuosos. Ela deu a Boucher inúmeras encomendas, inclusive, por incrível que pareça, um livro de orações com iluminuras. Mimado e adulado pela Pompadour, Boucher deve ter vivido num estado de permanente bom humor.

"**Jovem Lendo**", de Jean Honoré Fragonard (1732-1806), encantou-me durante quase 40 anos. Quando eu tinha a idade dessa môça, costumava ir tomar chá com seu proprietário, e olhava-a disfarçadamente enquanto mantinha uma educada conversa. Eu fiquei mais velho, mas ela permaneceu a mesma jovem e encantadora beleza. Quando êste quadro foi pôsto à venda, Chester Dale, presidente da Galeria Nacional, e eu fomos juntos ao leilão. Armados com fundos fornecidos pela Sr.^a Mellon Bruce, fizemos lance após lance, lutando com outro colecionador que também havia perdido seu coração. Lembro-me de quando fizemos nosso último lance: os 40 segundos decorridos entre o tempo que Chester ergueu sua mão e o que o martelo levou para bater, pareceram os 40 anos em que eu estivera enamorado.

Outro amor meu do século XVIII é **Sabasa García**, encantadora môça espanhola, que se parece mover na tela com maravilhosa consciência de sua beleza, conduzindo-se com uma

graça que eu acho cativante. Francisco de Goya (1746-1828) estava pintando o tio dela quando a viu pela primeira vez. Ela provavelmente entrou pelo estúdio dêle como se vê aqui. As poses do tio pararam abruptamente, enquanto Goya—felicizado—pintava a sobrinha.

Minha beleza britânica favorita é uma mulher escocesa, talvez porque estou casado com uma. **Eleanor Urquhart** foi retratada por Sir Henry Raeburn (1756-1823), um prático homem de negócio para o qual a arte era um comércio. Das 9 às 5h 30m êle trabalhava regularmente em seu estúdio, pintando de três a quatro modelos por dia. Mas êste prosaico artista às vêzes era inspirado por uma linda mulher—tal como a senhorita Urquhart. Enquanto a pintava, Raeburn não mudou nem uma pincelada; sem hesitações, êle captou a imagem de uma mulher aristocrática e encantadora numa espontânea obra-prima.

Se você quiser conhecer outras encantadoras componentes do meu harém, deve vir à Galeria Nacional de Arte em Washington. É a maneira mais fácil que conheço de gozar a companhia de algumas das mulheres mais fascinantes do mundo. Nenhuma destas senhoras jamais perde sua beleza, tôdas são indiferentes à idade, à fortuna e ao charme de seus pretendentes. A conversa com elas tende a ser unilateral, mas a verdade é que as discussões, as críticas e as brigas são completamente inauditas. Pode algum amante querer mais?

